

NOTA DE IMPRENSA

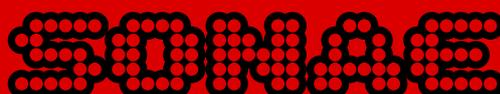


HUGO CANOILAS



DEBAIXO DO VULCÃO

MUSEU NACIONAL
DE ARTE CONTEMPORÂNEA
DO CHIADO



INAUGURAÇÃO — 24 NOVEMBRO – 19h00
APRESENTAÇÃO À IMPRENSA · 24 DE NOVEMBRO - 12h00

Apossando-se do título da obra homónima de Malcolm Lowry “Debaixo do Vulcão”, este projeto integra a segunda edição do Art Cycles, programa bienal com o apoio mecenático integral da Sonae, em que é dada inteira liberdade a um artista nacional para criar, durante cerca de um ano, um projeto inédito, site-specific, culminando com a sua apresentação pública no MNAC- Museu do Chiado.

A primeira edição do Art Cycles, em 2014, teve como artista convidado, Daniel Blaufuks, com o projeto *Toda a Memória do Mundo, Parte Um*.

Para a escolha deste ano de 2016, que recaiu sobre Hugo Canoilas, contribuiu não só o percurso nacional e internacional do artista, cuja obra constitui já uma referência de inquestionável relevância na arte contemporânea, mas também a particularidade dos seus processos de trabalho no quadro dum permanente questionamento do sistema das artes, com o recurso, sempre subversivo, à ironia e à rejeição da erudição, colocando o enfoque nas questões estética e política como instrumentos de reflexão sobre uma sociedade cujas desigualdades crescentes e despotismo têm vindo a crescer nos últimos anos.

Desde que aceitou o convite do MNAC, Hugo Canoilas tem-se dedicado quase exclusivamente a este projeto, construindo-o como um diálogo permanente, entre as muitas referências que são tutelares para o artista, desde o conceito de Cosmococa desenvolvido por Hélio Oiticica e Neville de Almeida, ao filósofo Kierkegaard e à sua obra *In Vino Veritas* que disserta sobre o amor, à poesia como matéria de livre associação em Mallarmé, ao rock n’roll, ao Sublime, ao Diálogo Psicanalítico de Sartre ou ainda, e fundamentalmente, a Malcom Lowry e à sua obra, Debaixo do Vulcão.

Em Canoilas, o ato de criação desenvolve-se como um trama de cumplidades entre todos os intervenientes que o artista convoca para dentro do processo - contemporâneos e pró-

ximos fisicamente, como os atores, os técnicos, os tradutores, amigos, familiares - todo um conjunto de referentes, de que já citámos alguns, que o têm acompanhado e a que ele volta, apropriando-se, desenvolvendo ideias ou fragmentos, reciclando, transformando, absorvendo o que neles lhe interessa ou ca, num trabalho de grande intensidade intelectual e emocional que nunca se conclui, alterando permanentemente a teia de relações primordiais, adicionando-lhe novas, sem hierarquias, sem complexos de erudição, sem cinismo, acreditando ainda no poder utópico da arte como transformadora das relações humanas.

Por essa razão, toda a sua obra funciona como um recetáculo para acolher os medos e as esperanças do público, vital para o artista e mais um dos seus cúmplices na urdidura da complexa teia do seu ato criativo.

A polissemia da obra que Hugo Canoilas nos traz, é-nos dada pelo seu desenvolvimento em camadas sobrepostas, contíguas, nalguns casos justapostas, congregando imagens fixas e em movimento, textos filosóficos, textos triviais, momentos autobiográficos, momentos históricos, música, sons, criando um vórtice de pensamento e de perceções relacionais que se transformam e se reconfiguram a cada visualização e em função de cada recetor.

Desenvolvido em vários momentos, o programa irá definir-se num tempo distendido e por espaços diversos, desde uma antiga pedreira nos arredores de Lisboa, eventualmente em grandes espaços comerciais, nas redes sociais e, sempre aberto a outras formas de participação e envolvimento, de que a apresentação no museu constituirá apenas uma parte.

Emília Tavares
Curadora

Pensei no projeto como uma forma de alteridade. Apresentar-me como outro, em vez de celebrar uma assinatura ou um trabalho que não oferecesse resistência à sua mercantilização ou transformação em informação.

Esta ideia de alteridade agarra-se à da antropofagia (Oswald de Andrade e Oiticica) e a uma ideia mais idealista de uma sociedade da diferença (da arte como espaço para receber as diferenças não negociáveis (Hannah Arendt)). Quis elogiar os valores risco, experimentação e fluxo, contra a horrível fixidez, o medo, a pressão de falhar, o mercado (a mercadoria para as galerias, museus, curadores e críticos) oferecendo resistência à informação com que se poderá reduzir uma obra ou a sua “objetualização”. Dar a ver algo de novo, não expectável, incoerente ou heterogéneo - consoante a capacidade daquele que vê, é a *mimesis* daquilo que acontece à minha frente – a obra é fruto de uma ideia e de uma ação ou conjunto de ideias e ações mas existe sempre algo que acontece à minha frente; um sujeito que se torna objeto e que necessita de se incorporar; a obra é-me estrangeira e eu quero torná-la parte do meu discurso.

A heterogeneidade é também a resposta clara à forma como a multiplicidade de eventos (artísticos, políticos ou sociais) se articulam em relação a um chão cultural onde trabalhamos. A ideia de uno, que marca toda a arte *apolínea* e todas as ideias fortes (em política) ou grandes narrativas que tendem para Uno, é uma aberração, um anacronismo e serve apenas as leis do sistema económico-político em que vivemos que tende para a codificação da diferença.

Dediquei-me de forma quase exclusiva durante um ano a este projeto. E para exponenciar o valor tempo recorri a vários condensadores (de tempo): o livro “Under the Volcano” de Malcolm Lowry que foi escrito durante um ano e reescrito durante oito anos; o meu trabalho sobre o livro que dura há seis anos e já foi utilizado em dois projetos anteriores, especialmente pintando frases do livro com *stencil*, o que me fez usufruir de um tempo diferente com o texto, incorporá-lo, e, por fim, a utilização de “Endless Killing”, uma pintura origi-

nalmente produzida em 2008 no contexto de um convite da curadora espanhola Chuz Martinez, para o Centro de Arte Contemporâneo Huarte, em Navarra, Espanha, por ocasião da comemoração dos 40 anos do Maio de 1968 [<http://www.centrohuarte.es/actualidad/endless-killing/>] feita num ano mas que resume um determinado conhecimento sobre pintura histórica que foi adquirido ao longo dos anos.

A pensar na ideia de tempo ocorrem-me duas considerações que parafraseio aqui: “Experimentar o tempo de uma obra é entender a obra” - Oiticica e o “Tempo é uma ferramenta política” – de alguém, a partir da exposição de Jessica Morgan na Tate Modern intitulada “Time zones”.

O meu tempo é uma espiral - passa por zonas onde é possível criar relações com algo que já vimos, mas que vemos de outra maneira. O meu movimento toma a forma da ponte que se estende para tornar algo do passado presente, colocá-lo em imanência poética, mas também para criar ligações ao Outro, a outra matéria, conceito ou ideia, sistema de conhecimento, etc. A relação da obra com outra coisa fora da arte, torna-a real e tangível. Procuo ainda testemunhas (novo público) pois o público informado/especializado é cúmplice. Eu quero cúmplices (quero aliás como o Sr. Mersault dizia em “O estrangeiro” que a praça esteja cheia), mas necessito de testemunhas para que a obra aconteça aqui e agora.

O projeto não é um novo ciclo mas sim um objeto charneira; abre portas e tenta fechar outras. Reciclo obras do passado, umas de forma tangível (reapresentado, filmando) outras utilizando-as como linguagem para servir um determinado fim, aumentando as hipóteses de trabalho com estas (pintura tipo expressionismo abstrato, trabalho com texto, intervenção urbana). O filme é uma tentativa de reunir todas estas forças (linguagens) sob o mesmo teto.

“Debaixo do vulcão” de Malcolm Lowry é o recetáculo de um conjunto de forças por vezes até contrárias em termos de valor (e aqui surge-me a ideia de *desastre* em Maurice Blanchot;

dis astro, sem sol, sem eixo, sem centro). Ainda assim foquei-me na relação entre o Cónsul e Ivone. Que como história de amor se desdobra depois em duas perspetivas diferentes sob a forma de diálogo.

As três tomadas de posição em relação ao Amor (deus *Eros*) estão relacionadas com o “Banquete” de Platão e sobretudo com “In vino veritas” onde Kierkegaard se desdobra em vários personagens que tomam diferentes perspetivas sobre o amor. O Amor é força (dionisíaca) e conteúdo narrativo e uma referência natural à heterogeneidade.

O filme é fragmentado em partes que se distribuem pelas 5 salas e corredor que compõem a exposição. Os fragmentos provêm de uma ideia de filme, muito próximas da forma como Ernesto de Sousa define o que é uma laranja em “Artes Gráficas - Veículo da intimidade”. Os fragmentos são o Narrador, a cena envolvente, a banda sonora, a ação e o som ambiente, que ainda se desdobram num conjunto de ações dentro e fora do Museu, numa dicotomia entre a apresentação ou afirmação e a reflexividade. Os vídeos e instalações sonoras, que tentam formar uma ideia de filme, foram feitos com o filme de Huston e as suas falhas em mente (ele próprio afirmou que este seria um livro impossível de filmar). E procura fazê-lo através da ideia de impossibilidade de representação – algo que me interessou muito em Barnett Newman, através das considerações que J.F. Lyotard fez sobre a ideia de tempo pós moderno em “O inumano”.

A representação negativa - primeiro associada à impossibilidade de reapresentar ideias como por exemplo Deus -, pode-se estender à impossibilidade de criação de uma grande narrativa capaz de condensar o mundo e as suas camadas histórica, económica, política, etc, assim como os seus acontecimentos sociais, políticos e artísticos que originam a ideia de caos ou de impossibilidade de reduzir o mundo a uma unidade mas sim a uma heterogeneidade.

Concorrente (que tende a encontrar-se) com esta ideia de representação negativa está o trabalho entre linguagem (texto) e imagem - feito através de rigor e a ‘chance’ no cruzamento entre uma palavra e uma ação; uma palavra ou frase e uma imagem. As referências aqui são Fernando Pessoa (na forma como ele desrespeitava algumas formas gramaticais), Jacques Rancière (“O destino das imagens”) e a forma como Öyvind Fahlström procurava nos seus filmes um novo, não expectável, que resulta da justaposição de duas coisas díspares.

Procurei explorar, nas diversas fraturas narrativas entre imagem e texto ou entre frases do texto, um modo de entrada na obra daquele que a vê, que colmate esta aparente falha.

A escolha do meio (vídeo) e a forma como o realizei vem já com essa ideia de conquistar tempo; de introduzir um tempo diferente do quotidiano; uma experiência comum a um grupo heterogéneo de pessoas; um tempo vivido em comunhão.

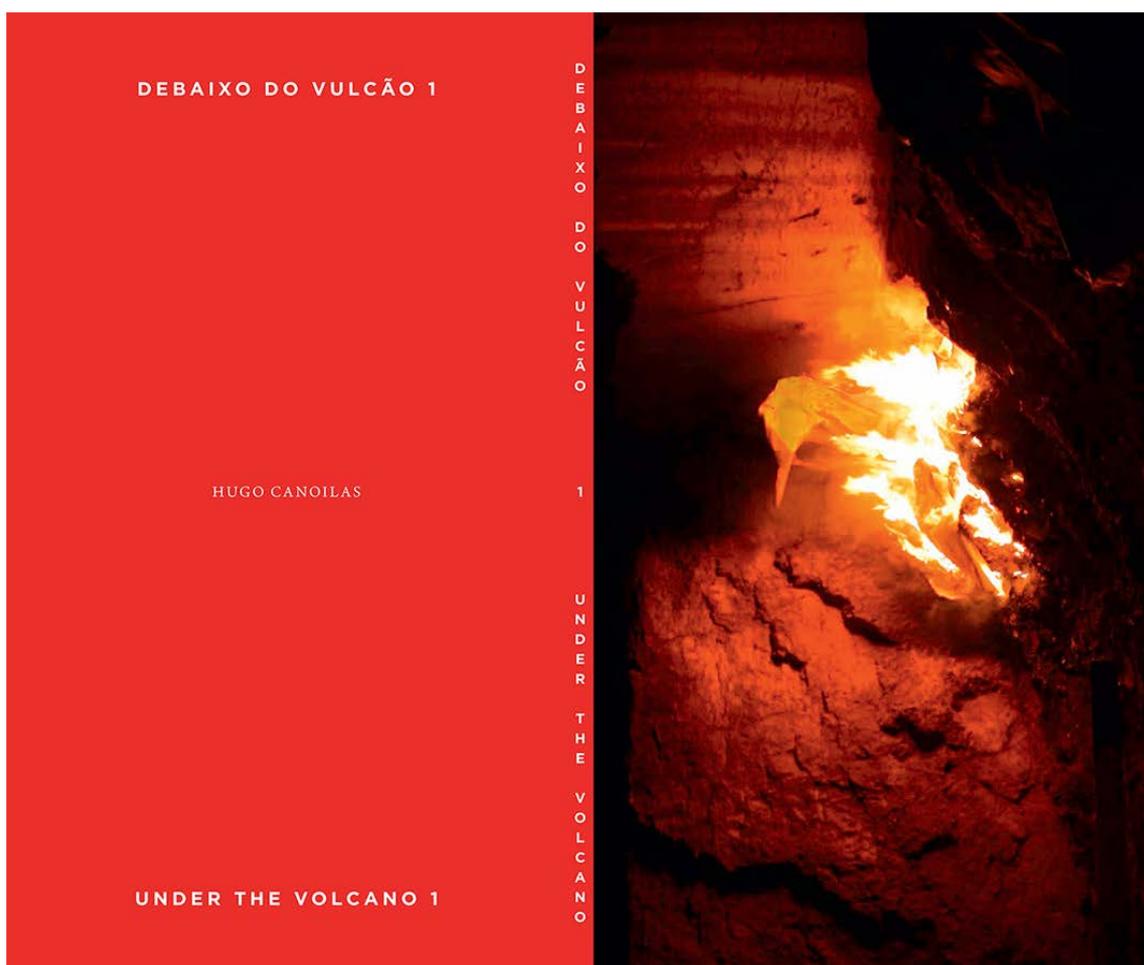
Hugo Canoilas

Biografia do artista em <http://www.museuartecontemporanea.pt/pt/programacao/texto/471>

6 obras inéditas

4 vídeos, uma instalação sonora e pintura de dimensões variáveis (lixívia sobre sarja)

LANÇAMENTO DO LIVRO 1 DO PROJETO



PARA MAIS INFORMAÇÕES CONTATAR:
comunicacao@mnac.dgpc.pt

Imagens em alta em
www.museuartecontemporanea.pt/informacoes/imprensa

FICHA TÉCNICA**EXPOSIÇÃO****Organização**

Museu Nacional de Arte Contemporânea
– Museu do Chiado

Curadoria

Emília Tavares

Produção Executiva

Emília Tavares

Montagem Multimédia

Balaclava Noir

Construções

Construções Sampaio

Assistência à Montagem

António Rasteiro

Educação

Catarina Moura (coordenação)
Ana Rita Duro, Ana Rita Salgueiro, Flávia Violante, Paula Azevedo, Pedro Fortes e Daniel Peres.

Mecenato

Rita Sá Marques

Comunicação

Anabela Carvalho (coordenação)

António Chaparreiro

Assessoria Administrativa

Angelina Pessoa

Sofia Khan

Design

vivoeusébio

Sinalética

VPrint

OBRAS***Debaixo do Vulcão,***

2015-2016

Instalação áudio e vídeo multi-canal (4 canais de vídeo e 1 canal de áudio), cor, som.

Canal de vídeo 1 Narradora |

Vídeo HD, PAL (1080p), 16:9, cor, som stereo, 48' 55" (loop)

Canal de vídeo 2 – Debaixo do

Vulcão | Vídeo HD, PAL (1080p), 16:9, cor, som stereo, 48'55" (loop)

Canal de vídeo 3 – Fogo 1 |

Vídeo HD, PAL (1080p), 16:9, cor, s/som, 29' 33" (loop)

Canal de vídeo 4 – Fogo 2

|Vídeo HD, PAL (1080p), 16:9, cor, s/ som, 29'33" (loop)

Canal de vídeo 5 – Diálogo |

Vídeo HD, PAL (1080p), 16:9, cor, som stereo, 10' 48" (loop)

Banda Sonora

Filipe Felizardo & Gabriel Ferlandini
31' 42"

Gravação e mistura

Cristiano Nunes

Edição

LABAREDA

<https://labareda.bandcamp.com/>

Edição Vídeo

Pedro Reis @ Resize, Lda

Atores

Alexandre Pieroni Calado

Sofia Dinger

Paula Garcia

António MV

Nuno Simão

Voz

Carlos Malvarez

Performance

Hugo Canoilas

Operador de Câmara

João Ferro Martins

Hugo Canoilas

Som

Antonio MV

Gravação e Edição de som

Gonçalo Pratas – Constroisons

EVENTO EM NEGRAIS**Cenários e montagem**

Construções Sampaio, Pedro Canoilas, Martinho Correia, Ricardo Braz, Leonel Correia, Pavlo Kyyanchenko, Simão Nunes, Cláudio Rijo e Nuno Simão.

Apoio

ABF Stones, Câmara Municipal de Sintra, União das Freguesias de Almagem do Bispo, Pêro Pinheiro e Montelavar

CATÁLOGO**Coordenação editorial**

Hugo Canoilas e Emília Tavares

Textos

Hugo Canoilas

Adaptação a partir das obras de

Malcom Lowry - *Under the volcano*. London, Penguin - Modern Classics, 2000

Jean Paul Sratre - "Psycho-analytic dialogue" in "Jean-Paul Sartre - *Between Existentialism and Marxism*, London, Verso, 2008

Tradução

Claudia Pestana, Hugo Canoilas

Revisão de Textos

Kennystranslations, Hugo Canoilas Cláudia Pestana, Anabela Carvalho

Créditos fotográficos

João Ferro Martins e Hugo Canoilas

Design Gráfico

vivoeusébio

Impressão

Gráfica Maiadouro